

“Só agora nos volta o ânimo” (Tac., Agr., 3, 1): Tácito e a dinâmica político-literária sob o Principado Romano

“Now at last heart is coming back to us” (Tac., Agr., 3, 1). Tacitus and the political-literary dynamics under the Roman Principate

Mamede Queiroz Dias*

Resumo: Este artigo analisa o ambiente sociopolítico no Principado romano e a narrativa exemplar de Tácito, concentrando-se nos casos de Júlio Agrícola e Marco Lépidio. Busca-se ressaltar a articulação entre as obras e a vida pública do autor. De um lado, como era usual na prosa latina, Tácito elaborou e comparou *exempla* de homens virtuosos e viciosos; do outro lado, buscou se manter privilegiado em um novo contexto político, sob Nerva e Trajano, afastando-se do imperador Domiciano, assassinado em sua própria casa. Ao longo de todo o texto, a hipótese central defende que a comunicação político-literária se constituía por meio de temporalidades contraditórias, republicanas e imperiais, produzindo efeitos ambíguos e paradoxais tanto na performance política quanto na narrativa literária durante os principados dos séculos I e II.

Abstract: This paper analyzes the sociopolitical milieu in the Roman Principate and Tacitus' exemplary narrative, focusing on the cases of Julius Agricola and Marcus Lepidus. It seeks to emphasize the articulation between the works and the public life of the author. On the one hand, as was customary in Latin prose, Tacitus elaborated and compared *exempla* of virtuous and vicious men; on the other hand, he sought to remain privileged in a new political context, under Nerva and Trajan, moving away from Domitian, murdered in his own house. Throughout the text, the central hypothesis argues that political and literary communication was constituted through contradictory temporalities, republican and imperial ones, producing ambiguous and paradoxical effects on both the political performance and the literary narrative during the Principates of the 1st and 2nd centuries.

Palavras-chave:

Principado romano.
Tácito.
Cursus honorum.
Exempla.

Keywords:

Roman Principate.
Tacitus.
Cursus honorum.
Exempla.

Recebido em: 25/04/2023
Aprovado em: 31/05/2023

* Doutor em História pela Universidade Federal de Ouro Preto. Membro do Leir/Ufop.

Introdução: Principado romano e ordem senatorial

Integrar a ordem senatorial durante o Principado romano significava pertencer a uma pequena parcela da população de uma enorme cidade e participar de um extenso domínio político-administrativo. Capital de um vasto império, Roma contava com 300 senadores em meio a uma cidade de cerca de 1 milhão de habitantes nos séculos I e II, à frente de um território que poderia alcançar 60 milhões de pessoas.¹ Na verdade, o que chamamos de Principado romano – mas que nas fontes romanas permanece, sobretudo, *res publica* – não se constitui como uma ordem social e política completamente nova. Esse “novo” tempo manteve a infraestrutura dos cargos republicanos, por exemplo, a questura, a pretura, o consulado etc., que davam coesão ao tecido social e político da urbe (WINTERLING, 2009). A concorrência por esses cargos continuou estimulando a competição entre os membros da ordem senatorial, ainda que a plebe tenha sido segregada do processo de tomada de decisão (HÖLKESKAMP, 2010).

A novidade se deu, de fato, com a instituição informal de um novo superagente político, com Otávio Augusto entre 27 a.C. e 14 d.C., chamado pelos coetâneos de “imperador” (*imperator*) ou de “primeiro” (*princeps*). Esse *princeps inter pares*, provindo da elite senatorial romana, não exercia nenhum cargo radicalmente original, porém, acumulava os *honores* mais importantes na esfera militar, administrativa e sagrada, como outrora nunca havia acontecido (WINTERLING, 2009). Com tais poderes, o imperador foi capaz de constranger toda a dinâmica política tradicional, indicando candidatos para os cargos públicos mais relevantes (TALBERT, 1984). Essa coexistência republicana e imperial produziu efeitos paradoxais e disjuntivos na realidade comunicacional e performática do Principado romano (WINTERLING, 2001; 2009; RUDICH, 1993). A permanência de uma infraestrutura física e semântica republicana nesse novo momento imperial fez com que a elite da *Urbs* rejeitasse qualquer tentativa de se estabelecer um *rex* em Roma, ainda que, com o passar dos anos, o imperador fosse concentrando cada vez mais poderes em suas mãos.

Nesse contexto, todo membro do Senado, por mais perspicaz que fosse, não poderia ofuscar demais a posição do imperador sem correr certos riscos de ser considerado um usurpador em potencial. Ao mesmo tempo, o imperador não poderia exercer seu poder real de modo manifesto, eliminando senadores virtuosos – e, hipoteticamente, traidores – sem aniquilar a estrutura cotidiana da vida pública e política romana, correndo

¹ A estimativa populacional para a cidade de Roma depende muito das variáveis consideradas, oscilando entre os extremos de 250 mil e 2 milhões de habitantes. Para uma análise dessas abordagens, ver Neville Morley (2013).

o risco de ser considerado tirano e ser substituído por algum outro membro daquela mesma ordem senatorial. Além disso, como vem sendo enfatizado por historiadores brasileiros (JOLY; FAVERSANI, 2013; 2021; FAVERSANI, 2018; FREITAS, 2021), a competição aristocrática não se deu apenas entre senadores e imperadores, mas especialmente entre senadores e senadores, pois eram esses quem competiam diretamente pelos benefícios disponibilizados pelo poder imperial.

A esfera pública romana possuía um equilíbrio frágil e sensível, que necessitava ser constantemente calibrado (DIAS, 2016). O imperador deveria atuar como um *princeps-senador*, mesmo que, por certo, tivesse muito mais poder que qualquer um deles; já os senadores, por sua vez, deveriam atuar como se fossem iguais ao imperador, ainda que não pudessem exagerar muito essa igualdade. Seguindo a hipótese de Aloys Winterling (2001), entendo que esse fenômeno paradoxal era sintoma de uma temporalidade particular do Principado romano, pois incidia diretamente nos espaços de experiência da elite, produzindo performances ambíguas e dissimuladas.²

Tácito: carreira senatorial sob os imperadores flavianos (69-96)

Cornélio Tácito foi um senador e historiador romano de muito prestígio na sua época e nos séculos posteriores. Os adjetivos *tácito* e *taciturno*, do português, provem do seu estilo narrativo conciso e indireto, assaz eficiente para construções ambíguas.³ Temos poucas informações sobre a sua vida, mas o pouco que sabemos nos oferece um bom panorama. Conjectura-se que tenha nascido entre 55 e 57, sendo originário da Gália Narbonense ou do norte da Itália Transalpina, a Gália Cisalpina. Plínio, o Velho (*Naturalis historia*, VII, 76), fala de um outro Cornélio Tácito, pertencente à “ordem dos cavaleiros” (*ordo equester*) e que teria sido procurador na Gália Bélgica, possivelmente seu pai ou seu tio.⁴ Em 77, sob o Principado de Vespasiano, seu status equestre foi alterado ao receber a “faixa larga” (*latus clauus*), um tecido de cor púrpura que recobria a túnica e demarcava a entrada de um romano na ordem senatorial.

Como visto, a carreira senatorial exigia exposição; estar constantemente em público não era tarefa simples. O poeta Ovídio (*Tristia*, IV, 10, 38-9) nos conta sobre um equestre que perde o entusiasmo para entrar no Senado: “E eu fugia à atribulada ambição;/ E as irmãs aônias induziam-me a procurar/ Os tranquilos ócios, sempre por mim amados”

² As noções de *temporalidade*, *estrutura temporal*, *espaço de experiência* e *horizonte de expectativa* utilizadas nesse texto remontam ao pensamento de Reinhart Koselleck (2012).

³ Como destaca Janet Bews (1987), o uso da brevidade (*breuitas*) e da variação (*uariatio*), assim como a ausência de certos conectivos textuais, ajudava o autor a produzir efeitos estilísticos tanto enfáticos quanto ambíguos.

⁴ Para uma análise mais detalhada sobre a origem de Tácito, ver Ronald Martin (1981) e Ronald Syme (1958).

(*sollicitaeque fugax ambitionis eram, et petere Aoniae suadebant tuta sorores otia, iudicio semper amata meo*).⁵

Equestres ricos, que também poderiam pleitear a carreira senatorial, escolhiam muitas vezes outras ocupações. Nem mesmo todo filho de senador resolvia seguir os passos do pai. Como explica Richard Talbert (1984), ainda que não fosse incomum equestres poderosos vestirem o *latus clauus*, Augusto delimitou que esse ornamento deveria ser oferecido apenas a filhos de senadores.

Se Tácito era realmente filho de um equestre, podemos insinuar que ele possuía fortes aspirações políticas desde cedo. Com isso, parece fazer sentido dizer que seu casamento com Júlia Agrícola, em 77, filha do senador e general Júlio Agrícola, foi estratégico para que ele entrasse na ordem senatorial. Tácito se tornava um “homem novo” (*homo nouus*) dentro desse seleto clube. Provavelmente, tal apadrinhamento lhe permitiu acessar os *honores* e os *beneficia* dessa nova posição sem muita resistência dos *insiders*.

Para evitarmos anacronismos, é importante termos em mente que a palavra latina *honores*, plural de *honor*, que já foi utilizada e se repetirá ao longo deste texto, significava tanto o cargo público quanto o *status* social derivado dele. Isso é fundamental em uma sociedade estratificada como a romana, pois a carreira das honras (*cursus honorum*) – o conjunto de magistraturas da vida pública romana – estruturava e regulava tanto a vida política quanto a competição entre os membros da elite em Roma e, por consequência, produzia e reproduzia os parâmetros de estratificação e funcionamento da sociedade a partir do ponto de vista da elite.⁶ Esse mecanismo pode ser compreendido com uma “integração política da sociedade” (*Die politische Integration der Gesellschaft*), termo cunhado por Winterling (2001, p. 108-11). Além de fornecer os mecanismos da administração pública, já que não havia uma burocracia estatal, a sociedade integrada politicamente, ao mesmo tempo, estimulava o aristocrata a se diferenciar dentro da própria composição senatorial.

Inserido nessa ordem senatorial, o *cursus honorum* de Tácito despontou sob os imperadores flavianos (69-96). Como era comum, é provável que tenha iniciado sua carreira como *tribuno militar*, acompanhando algum general fora de Roma. Em 81 ou 82, foi eleito para a *questura*, responsabilizando-se por assuntos financeiros, provavelmente, relacionados a Roma. Em 88, foi eleito pretor, ocupando-se com as demandas de ordem jurídica e, além disso, realizando ou supervisionando grande parte dos jogos na *Urbs*. Ao

⁵ Tradução de Patrícia Prata (2002).

⁶ Para a compreensão de sociedade estratificada nesse texto, ver Niklas Luhmann (2013, p. 50-65).

mesmo tempo em que ocupava a pretura, o próprio Tácito (*Annales*, XI, 2) nos informa que foi membro do colégio sacerdotal dos *quindecimviri sacris faciundis*, organizando e participando dos Jogos Seculares (*Ludi Saecularis*) junto com o imperador Domiciano (81-96), em 88. Esse festival, particularmente, demandou uma atenção especial dos sacerdotes e pretores. Com periodicidade quase centenária, Domiciano resolve ignorar os mesmos Jogos realizados pelo imperador Cláudio, em 47, conectando-se, portanto, àqueles *Ludi* realizados por Augusto, em 17 a.C.⁷ A celebração, que buscava evidenciar uma "era de ouro" (*saeculum aureum*) dos imperadores flavianos, não poderia dar errado, sob o risco de ser ridicularizada pela população de Roma, que já havia vivenciado os Jogos de Cláudio (DIAS, 2019; DUNNING, 2016).

Encerrada a pretura, Tácito ocupou, entre 89/90 até 93, cargo em alguma província. Narra com pesar que ele e a esposa estavam fora de Roma quando o sogro, Júlio Agrícola, morreu no ano de 93 (Tacitus, *Agricola*, 45, 5). Não realiza o seu elogio fúnebre (*laudatio funebris*); entretanto, escreve em sua homenagem *A vida de Agrícola*, obra biográfica que incorpora elementos da história, do relato etnográfico e do elogio fúnebre. Esse trabalho vem a público em janeiro de 98, época na qual o senador já havia ocupado a magistratura mais importante do *cursus honorum* romano, o consulado, no final do ano anterior como "substituto" (*suffectus*).

Aqui, entramos em um momento nevrálgico da produção intelectual do senador: o assassinato de Domiciano, em 96. Toda sua produção intelectual ocorreu neste novo contexto político que, arrisco dizer, encontrava-se em fase de acomodação dos agentes. Tácito, que sempre usufruiu dos benefícios provindos dos imperadores flavianos, precisaria se reinserir nesse novo cenário sociopolítico majoritariamente condenatório a Domiciano, o último imperador da família Flávia. Essa é a hipótese central desta pesquisa. Nessa conjuntura, sua produção intelectual inaugura uma clara ruptura com o imperador precedente, juntando-se aos vituperadores de Domiciano e fornecendo elogios diretos aos novos imperadores subsequentes, Nerva (96-98) e Trajano (98-117). Também em 98, publicou *Germânia*, uma espécie de tratado etnográfico no qual relata os costumes dos povos situados onde os romanos chamavam de Germânia. Por volta de 102, publicou um tratado filosófico chamado *Diálogo dos Oradores*, que remonta a uma conversa

⁷ Os Jogos Seculares eram dedicados aos deuses ctônicos romanos, contando com sacrifícios e performances no templo de *Dis Pater e Proserpina*, na região do Tarento, no Capitólio e no Fórum. Zósimo (*Historia nea*, II, 4, 3), uma fonte tardia datada entre os séculos V e VI, provavelmente tendo como referência Tácito e os autores daquela época, afirma que os Jogos Seculares de Cláudio foram desconsiderados por Domiciano, que pareceu observar o devido tempo de realização. Para uma análise ampliada dos *Ludi* de Augusto e Domiciano, ver Susan Dunning (2016, p. 36-97) e Mamede Dias (2019, p. 129-67).

ocorrida no ano 75, quando o autor era um jovem que iniciava sua vida pública.⁸ Suas duas obras historiográficas foram produzidas depois dos 50 anos de idade: as *Histórias*, entre 109 e 110, e os *Anais*, entre 115 e 117/23.

Biografia e historiografia sob os principados de Nerva (96-98) e Trajano (98-117)

Há um longo debate sobre a vida pública e literária de Tácito, que remonta à época do Humanismo. Ao longo dos séculos, esses debates posicionaram as obras do senador romano em vários espectros do jogo político. Tácito já foi visto, por um lado, como um revolucionário republicano e advogado da *libertas*; por outro lado, como um defensor pragmático do Principado, ou mesmo, por um terceiro lado, como um autor que transitava, moderadamente, entre o elogio e a crítica do modelo imperial (RUFFING, 2021; STRUNK, 2017; JOLY, 2004).⁹

Como muitos já analisaram (RUFFING, 2021; MARINCOLA; 1997, SYME, 1958), a produção do gênero História, em Roma, não pode ser apartada do caráter do *auctor*. John Marincola (1997, p. 132) sintetiza: “Onde os modernos poderiam falar em narrador ou narrador subentendido, os antigos falavam da própria pessoa”. A capacidade de persuasão da narrativa latina, portanto, entrelaça o *status* do autor à sua experiência na matéria tratada. Nesse sentido, cabe destacar, há uma diferença significativa entre a retórica grega e a romana (WIEDEMANN, 2008). Por exemplo, enquanto para Aristóteles a “persuasão” (*πειθός*) deve ser construída retoricamente pelo orador, independentemente da opinião prévia que a audiência possua sobre ele,¹⁰ Cícero vai no sentido oposto (*De oratore*, II, 182), argumentando que a “persuasão” (*persuasio*) precisa estar ligada à pessoa: “Cativam-se os ânimos pela dignidade do homem, por seus feitos, por sua reputação; pode-se orná-los com maior facilidade, se todavia existem, do que

⁸ Não cabe aqui explorar as questões que o *Diálogo dos Oradores* nos possibilita levantar. Basta dizer que os debates entre os quatro senadores representados por Tácito nos permitem explorar as formas de articular o discurso e a práxis no contexto das disputas políticas do Principado Romano.

⁹ No final do século XX, levando a discussão para um outro lado, Anthony Woodman (1988) argumentava que era impossível investigar alguma verdade histórica nas obras taciteanas, pois a produção textual na Antiguidade estava pautada por padrões retóricos cuja fundação era a composição de estilo, com baixíssima aderência à realidade social. Ainda que a contribuição de Woodman seja fundamental para compreendemos a construção textual das obras taciteanas, essa perspectiva específica não será considerada aqui. Vínculo-me à perspectiva sociológica de Luhmann (2012; 2013), na qual toda produção enunciativa, independentemente dos meios – orais, textuais, arquitetônicos etc. –, está fundamentalmente ancorada no ambiente informacional da sociedade.

¹⁰ Ver Aristóteles (*Rhetorica*, I, 2, 1356a, 4-5: “Persuade-se pelo caráter quando o discurso é proferido de tal maneira que deixa a impressão de o orador ser digno de fé. Pois acreditamos mais e bem mais depressa em pessoas honestas, em todas as coisas em geral, mas sobretudo nas de que não há dúvida. É, porém, necessário que esta confiança seja resultado do discurso e não de uma opinião prévia sobre o caráter do orador” (Tradução de Manuel Alexandre Júnior et al., 2005).

forjá-los, se absolutamente não existem" (*Conciliantur autem animi dignitate hominis, rebus gestis, existimatione vitae; quae facilius ornari possunt, si modo sunt, quam fingi, si nulla sunt*).¹¹

Não devemos esquecer que a audiência dessas obras era composta pela própria elite administrativa do Império, senatorial e equestre, que competia por *honores*. Tácito tinha consciência dessa dimensão política de seus trabalhos literários. Sua carreira como senador romano, portanto, fornecia autoridade às suas publicações e, em contrapartida, suas obras reforçavam seu *cursus honorum*. Essas duas dimensões eram indissociáveis. Portanto, a *auctoritas* do historiador estava ligada não apenas às suas competências retóricas, mas também à sua experiência no campo político e militar. Não à toa, Plínio, o Jovem (*Epistulae*, VII, 33, 10), compartilhou com Tácito informações sobre um caso forense em que havia atuado para que o historiador pudesse tornar os feitos "mais conhecidos e aumente a sua fama e importância" (*notiora clariora maiora tu facies*).

Tácito foi cônsul substituto (*consul suffectus*) entre novembro e dezembro de 97. Alguns entendem que ele provavelmente já estaria nas listas dos escolhidos por Domiciano, em 96, para ocupar o consulado em 97 (BIRLEY, 2000; SAILOR, 2008). Todavia, outros analisam que Tácito foi uma nomeação de Nerva, logo, integrando diretamente os desdobramentos decorrentes do assassinato do imperador flaviano, em setembro de 96 (STROBEL, 2010, p. 141-142). Além disso, Tácito dedica uma oração fúnebre para Lúcio Vergíneo Rufo, cônsul regular em 97 junto com Nerva e, no final daquele ano, seu colega. Rufo não era um senador qualquer. Ocupou a magistratura consular pela terceira vez naquela ocasião, dando suporte ao novo imperador. Como destaca Kai Ruffing (2021), Tácito sabia muito bem que este era um claro apoiador do novo governo. Assim, ao discursar nos *rostra* e homenageá-lo em público, ele estava manifestamente marcando a sua posição como apoiador de Nerva.

Esse posicionamento também ficou evidente em sua primeira obra, a *Vida de Agrícola*, publicada poucos meses depois dessa oração fúnebre a Rufo, provavelmente em janeiro de 98, logo após a morte de Nerva e, portanto, no mês em que Trajano assumia a *domus Caesaris*. A obra *Germânia* também vem a público em 98.¹² Syme (1958, p. 26) disse que o *Agrícola* taciteano torna evidente "a moral e as ideias políticas de uma nova aristocracia". Se, por um lado, a *moderatio* e a *prudencia* eram características basilares do *Agrícola* taciteano, podendo funcionar como uma bússola dos bons modos para a aristocracia romana, por outro lado, Syme desconfiou pouco

¹¹ Tradução de Adriano Scatolin (2009).

¹² Curiosamente, a província da Germânia era o local onde o então general Trajano estava estacionado com suas legiões quando Nerva morreu.

da necessidade política dessa elite em se manter próxima do novo imperador. Essa “nova” aristocracia estava quase toda presente nos governos flavianos, incluindo Tácito e o próprio imperador Trajano, general sob Domiciano. Portanto, o processo de construção de uma comunicação favorável a Nerva e a Trajano já havia se iniciado com a morte e a condenação da memória de Domiciano. Depois disso, não haveria caminho de volta, pois qualquer um que ameaçasse defender Domiciano – quer em colóquios, quer literariamente – seria, na melhor das hipóteses, expelido dos círculos de poder imperial. Logo, Tácito escolheu um lado. Nesse contexto, o prefácio da *Vida de Agrícola* já esquematizava todo o campo semântico que orientaria a sua argumentação e atuação políticas:

Lemos que, quando Trasea Peto e Helvídio Prisco foram elogiados por Aruleno Rústico e Hereno Senécio, a condenação foi à morte, e não só quanto aos próprios autores, mas até quanto a seus livros se levantou a raiva, pois que se delegaram aos triúviro poderes de queimarem no comício e no foro as obras monumentais dos mais ilustres talentos. Provavelmente se julgava que, com aquela fogueira, se abatia a voz do Povo Romano, a liberdade do Senado e a consciência do gênero humano, expulsos ainda por cima mestres de filosofia e lançadas ao exílio todas as nobres atividades de espírito, para que a dignidade não existisse em mais parte alguma. Demos sem dúvida grande demonstração de paciência. Se os tempos antigos viram o que havia de extremos em liberdade, nós o tivemos quanto à escravidão, porque até o uso do falar e do ouvir, por espionarem, nos tiraram. A própria memória tínhamos perdido com a palavra, se estivesse tão em nosso poder esquecer quanto calar (Tac., *Agr.*, 2, 1-3).

Só agora nos volta o ânimo; e, embora logo no início deste felicíssimo século tenha o Imperador Nerva ligado de novo o que anteriormente era incompatível, império e liberdade, embora todos os dias aumente Trajano a felicidade da época e já não tenha a segurança pública de ficar apenas em esperança e promessa, mas tenha tomado para si a confiança e certeza de seus votos (Tac., *Agr.*, 3, 1).

Há três dimensões temporais articuladas nesses dois capítulos do proêmio: os “tempos antigos” (*uetus aetas*), que precedem Augusto, época na qual os romanos haviam experimentado o “extremo em liberdade” (*ultimum in libertate*); o passado recente sob os flavianos, mas, especialmente, sob Domiciano; e o presente sob Nerva e Trajano. Nesse passado recente, época vivida por Tácito, Aruleno Rústico e Herênio Senécio haviam sido condenados sob Vespasiano por escreverem encômios (*laudis*) a Trasea Peto e Helvídio Prisco. Sob Domiciano, tudo havia piorado. Uma época de escravidão (*seruitus*) que até o “uso do falar e do ouvir” (*loquendi audiendique*) haviam sido sequestrados pelo imperador e seus delatores. Contrastando com essa época de subserviência, apresenta-se um “felicíssimo século” (*beatissimum saeculum*) de Nerva, que reúne “a liberdade e o Principado” (*libertas ac principatus*). Sob Trajano, a “felicidade dos tempos” (*felicitas*

temporum) aumenta a cada dia. A antítese entre um tempo de servidão versus um tempo de liberdade estabelece duas claras fronteiras temporais.

Associar a ideia de *libertas* a Nerva e de *felicitas temporum* a Trajano não parece ser um movimento aleatório de Tácito. Por um lado, a *libertas publica* foi tema recorrente nas moedas de Nerva entre 96 e 98,¹³ enquanto a *felicitas* é um conceito-chave para duas cunhagens trajânicas: "FELICITAS AUG(VSTI) CO(N)S(VL) III" ou "VIRTVTI ET FELICITATI".¹⁴ Assim, pode-se especular que tais repertórios semânticos circulavam na época e que, habilmente, Tácito se apropriou deles para articular o seu esquema temporal no proêmio da *Vida de Agrícola*. Nerva governou de setembro de 96 até janeiro de 98; Trajano havia, provavelmente, acabado de assumir a posição do predecessor quando Tácito tornou pública essa obra. Portanto, o que o autor afirma ali sobre os tempos do presente diz respeito mais às expectativas de Tácito do que um testemunho de uma nova época.

Decerto, Tácito se manteve inserido nos círculos de poder imperial. Em 100, menos de dois anos depois da publicação da *Vida de Agrícola*, Tácito e Plínio foram nomeados pelo Senado para representarem a cidade de Leptis Magna contra Mário Prisco, antigo procônsul da África. Prisco foi acusado pelo "crime de corrupção" (*repetundis*). Como analisa João Lanna de Freitas (2019), a atuação forense era uma prática capital na dinâmica de visibilidade, legitimidade e competição da aristocracia romana, sendo amplamente registrada nos documentos epistolares plinianos. Plínio foi cônsul substituto entre setembro e outubro daquele ano 100, dedicando, como era usual, um "discurso de agradecimento" (*gratiarum actio*) aos senadores e ao imperador Trajano. Posteriormente, esse discurso foi expandido e publicado, sendo traduzido hoje como *Panegírico de Trajano*. Em trabalho recente, Christopher Whitton (2020) defende que o *Panegírico* pode ser lido de modo complementar à biografia de Agrícola. Enquanto no *Panegírico* Trajano é apresentado como um imperador que nasce pronto, uma espécie de Atena romana, a biografia de Agrícola é o encômio que fornece qualidades necessárias para a vida futura de Trajano. As amizades de Tácito, especialmente com Plínio, o conectam diretamente ao imperador Trajano.

Depois de sua atuação forense, é provável que tenha passado um tempo fora de Roma em alguma província entre 101 e 105. Em 112 ou 113, tornou-se procônsul da Ásia, como nos permite saber uma inscrição de Mylasa.¹⁵ Nesse meio do caminho, a sua primeira obra historiográfica, as *Histórias*, teria sido publicada entre 109 e 110 (BIRLEY,

¹³ RIC II, Nerva, 7; 19; 31; 36; 39; 43; 64; 65; 76; 86; 87; 89; 100; 101; 106.

¹⁴ RIC II, Trajan, 3; 13; 120; 121; 172; 173; 174; 175; 268; 271; 272; 273; 301; 332; 333; 343; 344; 345; 346; 498; 499; 624; 625; 626; 634; 635; 671; 672; 673; 674; 735.

¹⁵ OGIS 487.

2000; SCHMAL, 2016). Entre 115 e 117/23, nos anos finais do principado de Trajano ou no início do principado de Adriano, vem a público sua segunda grande obra historiográfica, os *Anais*. Nela, retoma de forma ainda mais detalhada o esquema das três temporalidades romanas, subordinando regime político à produção historiográfica:

Mas os antigos feitos do povo romano foram já narrados por ilustres escritores, assim como para o governo de Augusto não faltaram, até que a adulação crescente fosse corrompendo os mais formosos talentos. De Tibério, Caio, Cláudio e Nero, enquanto vivos o medo não deixou falar com verdade; depois de mortos, o ódio recente falseou as narrativas. Eis porque empreendi narrar, de Augusto pouco e seu fim, e depois o principado de Tibério e os seguintes, sem ira e nem afeição, pois destas causas mantenho distância (Tac., *Ann.*, I, 1).

Os “antigos feitos” (*prospera ueteris*) remetem aos anos anteriores ao principado de Augusto, época na qual homens ilustres podiam narrar sem interferência. A segunda temporalidade se inicia sob Augusto, uma zona de fronteira para o descrédito, pois aqueles que tentaram narrar naquele momento acabavam sendo corrompidos pela adulação. Seguiram-se os principados de Tibério, Caio (Calígula), Cláudio e Nero, época na qual as narrativas eram corrompidas devido ao ódio causado por tais imperadores. Por fim, a terceira temporalidade é aquela na qual Tácito se encontra e que lhe permite narrar os tempos passados sem ira e nem afeição, pois se distancia temporalmente dos imperadores Júlio-claudianos. Esse distanciamento o blindaria dos afetos que estimulariam a *hybris* historiográfica.

A argumentação é sedutora, mas o fato é que Tácito nunca se arriscou a escrever sobre o seu próprio tempo presente. Os *Anais* narram do final da época de Augusto até a morte de Nero, em 68. Cronologicamente, a guerra civil que se instaura, em Roma, entre 68 e 69 foi narrada na obra anterior, as *Histórias*, que se dedica a narrar da morte de Nero até o assassinato de Domiciano, em 96. Ainda que só os cinco primeiros livros tenham restado dessa obra – sendo o quinto bastante fragmentado –, nela fica clara a tentativa do senador-historiador em vituperar a figura de Domiciano. O pai, Vespasiano, e o irmão mais velho, Tito, são apresentados de modo positivo nos livros preservados. Domiciano, desde sua primeira aparição (Tácito, *Historiae*, I, 59, 6-8), é visto de modo reprovável ao fugir disfarçado no momento em que as forças vitelinas atacavam os flavianos enclausurados no Capitólio.¹⁶ Se as *Histórias* contam mesmo com doze livros (SYME, 1958; SCHMAL, 2016), pouco espaço foi deixado para o governo de Vespasiano. Os cinco primeiros livros tratam da guerra civil, da revolta dos batavos e da revolta dos judeus. Ruffing (2021, p. 77)

¹⁶ Sobre os interesses de Domiciano pela luxúria e adultério, ver Tácito (*Hist.*, IV, 2, 1); a respeito de sua habilidade para se esconder e de seu amor pela poesia e literatura, também consultar Tácito (*Hist.*, IV, 86, 2).

sugere que Tácito poderia estar tentando “retratar a dinastia flaviana como um contraste caótico e sangrento à alegada *felicitas temporum* do governo de Trajano”.

As temporalidades esquematizadas por Tácito, passado distante – antes de Augusto –, passado recente – de Augusto a Domiciano – e presente – de Nerva em diante –, ajudam o autor a se blindar de possíveis críticas de seus contemporâneos. Esses enquadramentos temporais foram fundamentais para que o autor pudesse elaborar *exempla* muito bem localizados temporalmente, ancorando assim as formas de comportamento mais ou menos reprováveis a partir das temporalidades específicas. Por esses motivos, não é possível generalizar uma forma de comportamento ideal, pois a *libertas*, por exemplo, dependendo do contexto temporal que ela for empregada, pode ser considerada negativa ou positiva.

Júlio Agrícola e Marco Lépido: os exempla taciteanos como estratégias de elogio, vitupério e admoestação

No segundo prefácio dos Anais, Tácito aponta um dos desafios historiográficos de sua época, buscando justificar a importância política e moral da sua matéria narrada:

Assim também, tendo agora mudado o estado de coisas e não sendo o Estado romano outra coisa que se um só homem governasse, estes exemplos narrados e aqui reunidos serão úteis, haja vista que poucos, por prudência, são capazes de discernir as coisas honestas das vis; as úteis, das nocivas, muitos, porém, aprendem com os eventos alheios (Tac., Ann., IV, 33, 2).¹⁷

De acordo com Tácito, a sua narrativa é útil porque as pessoas de seu tempo, sem *prudencia*, não conseguiam discernir as coisas honestas (*honestae*) das vis (*deteriores*). Por isso, caberia ao historiador fornecer aos seus leitores/ouvintes “eventos alheios” (*eventis aliorum*), selecionando e narrando as ações de personagens históricos exemplares – os *exempla* – que poderiam gerar repulsa ou emulação em sua audiência. Dessa forma, Tácito disponibilizaria uma bússola moral, apontando caminhos a serem seguidos e aqueles a serem evitados. Um tipo categórico desse raciocínio se encontra em passagem nos *Anais* (III, 55, 4), na qual o historiador comenta sobre o imperador Vespasiano, que “foi especial disseminador de costumes mais austeros” (*praecipuus adstricti moris autor fuit*). Sendo assim, o seu exemplo, por submissão ou amor ao *princeps*, poderia ser mais efetivo do que as “leis e o medo” (*lex et metus*).

¹⁷ Tradução de Sarah Azevedo e Alexandre Agnolon (2012).

Nesse sentido, a construção de uma narrativa exemplar estaria fortemente vinculada à noção de indivíduo daquela sociedade. Para Thomas Wiedemann (2008), isso fazia com que a elaboração teórica dos romanos sobre as formas típicas de governo – monarquia, aristocracia e democracia –, tomasse como referência mais os *exempla* que integravam o governo e menos um ideal constitucional. Vemos isso, por exemplo, no próêmio supracitado (Tac., *Ann.*, IV, 33), no qual se diz que o estado das coisas – isto é, a forma de governo – se altera na medida que o poder de governo passa de muitos indivíduos para apenas um homem.

Esse foco na exemplaridade por parte da historiografia romana, a despeito de seu afastamento teórico-argumentativo do pensamento grego, também procurava persuadir sua audiência e, de tal forma, partilhava de pressupostos retóricos em sua formulação. Nesse sentido, como destacado pela historiografia recente (MARTINS, 2023; ROLLER, 2018; AZEVEDO, 2012), os *exempla* foram construídos retoricamente e eram narrados tendo em vista o horizonte de expectativas da audiência. Isso fazia com que eles não fossem modelos estáticos, mas, ao contrário, operassem dentro da narrativa dependendo da “situação ética”, nos termos de Rebecca Langlands (2018), na qual a personagem estava inserida. Quintiliano (*Institutio oratória*, V, 10, 23), por exemplo, diz que, “em primeiro lugar, os argumentos devem ser obtidos da pessoa” (*In primis igitur argumenta a persona ducenda sunt*). Todavia, não se deve “apontar tudo que se refere às pessoas [...], mas apenas aqueles aspectos de onde é possível obter argumentos” (*Personis autem non quidquid accidit exequendum mihi est, [...] sed unde argumenta sumi possunt*).¹⁸ Matthew Roller (2018), de forma sintética, vai argumentar que essa narrativa exemplar romana era composta por três dimensões: a retórica, pautada pelas formas de composição e persuasão da audiência; a ética ou moral, que buscava articular os valores da audiência às ações elaboradas pelos personagens dentro da narrativa, discernindo, assim, comportamentos viciosos e virtuosos; e a historiográfica, que almejava articular presente e passado.¹⁹

Dito isso, veremos como o autor latino retrata os *exempla* de Júlio Agrícola, na *Vida de Agrícola*, e Marco Lépidio, nos *Anais*. Como assinala Christopher Whitton (2018, p 157), para a elaboração do encômio de Agrícola, Tácito utilizou inúmeras formas de comparação, seguindo o “legado de Isócrates e Xenofonte”, que também escreveram biografias.²⁰ De forma geral, a comparação é uma estratégia retórica fundamental para

¹⁸ Tradução de Bruno F. Bassetto (2015).

¹⁹ Para uma análise mais verticalizada sobre como a historiografia recente compreende os *exempla* na tradição historiográfica romana, ver Carol M. Martins (2023).

²⁰ Xenofonte escreveu a biografia do rei Agesilau II de Esparta; já Isócrates, a biografia de Evágoras, rei de Chipre.

a elaboração da narrativa antiga (DAITZ, 1960). Destacaremos, de modo particular, a justaposição e a comparação entre os *exempla* de Agrícola e de Domiciano, de modo a enfatizar uma melhor sobreposição entre o passado recente e o presente trajânico.

Pode-se dividir a *Vida de Agrícola* em cerca de seis momentos.²¹ Dedicaremos nossa atenção ao retorno de Agrícola a Roma, entre os capítulos 39 e 42, momento no qual o general passa a conviver com o imperador. Seu regresso se deu em 84 ou 85, após encerrar sua campanha na Britânia. Segundo Tácito, o retorno de Agrícola preocupava Domiciano, pois a fama de um homem privado poderia superar a do *princeps*:

Preocupado com tais pensamentos, e satisfeito com sua reclusão, o que era um sintoma de algum cruel plano, resolveu que, por ali, o melhor seria reservar seu ódio, até que diminuíssem o ímpeto da fama e o favor do exército; por então, quem mandava na Britânia era Agrícola (Tac., Agr., 39, 3).²²

Agrícola foi considerado por Tácito como um *exemplum* de moderação e prudência ao longo de toda a obra. Antes da Britânia, quando atuou no Senado, Tácito (Agr., 9, 3) diz que "nem a brandura diminuía a autoridade, nem a severidade o afeto" (*aut facilitas auctoritatem aut seueritas amorem deminuit*). Depois de se tornar um general famoso, seu retorno a Roma se tornou delicado, pois precisou lidar com um imperador invejoso e, principalmente, com diversos adutores do *princeps*. Ao chegar na capital, se encontrou com o *princeps* (Tac., Agr., 40, 3), entrou no Palatino à noite e foi recebido por Domiciano com "um breve beijo e sem palavra alguma" (*breui osculo et nullo sermone*). Agrícola se vestia de "maneira módica" (*cultu modicus*) e se comportava de "modo afável" (*sermone facilis*), o que fazia com que os demais presentes na *domus Caesaris* não imaginassem o tamanho da fama que lhe precedia (Tac., Agr., 40, 3). Habilidoso, o Agrícola taciteano dissimulava sua fama e não se gabava dos seus feitos.

O segundo encontro entre Agrícola e Domiciano se deu em época de escolha dos pro-consulados da Ásia e da África. Tácito (Agr., 42) diz que um antigo proconsular de nome Cívica, provavelmente da Ásia,²³ havia sido executado, logo, servindo de alerta

²¹ O proêmio (Tac., Agr., 1-3), ressaltando os objetivos encomiástico do autor e, como vimos, esquematizando os tempos analisados; sobre os seus parentes, passando pelo nascimento, carreira pública até o consulado (Tac., Agr. 4-10); a maior parte da biografia se detém na Britânia e a sua conquista pelos romanos, cujo feito se iniciou pelo general predecessor de Agrícola (Tac., Agr., 11-17); em seguida, temos um relato extenso, nos moldes analíticos, sobre a atuação de Agrícola na região até o final da campanha da Caledônia, cujo ápice se deu com a vitória do general romano na batalha do monte Gráupio (Tac., Agr., 19-38); por fim, há uma virada na narrativa, com o retorno do general à Roma e a presença de Domiciano (Tac., Agr., 39-42); a morte de Agrícola (Tac., Agr., 43) e uma espécie de discurso funerário encerrando a obra (Tac., Agr., 44-46).

²² Tradução adaptada de Agostinho da Silva (1974).

²³ Suetônio (*Domitianus*, 10, 2) afirma que Domiciano executou o procônsul da Ásia. Sobre o seu nome completo, uma inscrição de 82 (ILS 1995) indica *C. Vettulenus Cívica Cerialis*.

(*consilium*) a Agrícola e de modelo (*exemplum*) a Domiciano. Antes de se encontrar com o imperador, vieram até Agrícola alguns de seus “conselheiros” (*periti*), de modo a sondarem o interesse do general por algum dos proconsulados disponíveis. Esses conselheiros, em um primeiro momento, louvaram com disfarce o “sossego” (*quietem*) e o “ócio” (*otium*) de Agrícola; em seguida, ofereceram ajuda para que a “recusa” (*excusatione*) de Agrícola se apresentasse; por fim, deram conselhos “obscuros” (*obscuri*) e o “aterrorizaram” (*terrentes*) antes de o levarem até Domiciano. O encontro com o imperador é narrado da seguinte maneira:

Bem preparado no fingir e com uma atitude arrogante, ouviu ele o pedido de escusa e, depois do assentimento, ainda sofreu que lhe agradecesse e nem corou da falsidade do favor. Quanto ao vencimento que se costumava oferecer a um proconsular e que ele próprio tinha concedido a outros, não o deu ele a Agrícola, ou ofendido por não lhe pedir, ou para que não tivesse ares de compor o que já proibira. É próprio da natureza humana odiar a quem se prejudica; Sem dúvidas, a natureza de Domiciano se inclinava à ira e, quanto mais sombria, mais inflexível se tornava, ainda que acalmada pela prudência e moderação de Agrícola, que não provocava a fama e o destino, nem por insistência e nem por presunção de liberdade. Saibam os que costumam admirar as coisas ilícitas poder existir, mesmo sob maus príncipes, grandes homens, e que a obediência e a modéstia, estando presentes o vigor e a diligência, alcançam tal louvor que excedem aqueles que, de modo mais abrupto, mas sem nenhuma serventia para a república, o conquistaram com sua morte ambiciosa (Tac., *Agr.*, 42, 2-4).

A construção do *exemplum* de Agrícola se dá em paralelo ao *exemplum* de Domiciano, pois o contraste amplifica as características positivas e negativas das personagens. Enquanto Domiciano é “preparado no fingir” (*paratus simulatione*), “arrogante” (*adrogantia*), inclinado a “ira” (*ira*) e “sombrio” (*obscurior*), Agrícola é moderado (*moderatione*) e “prudente” (*prudentia*). Por fim, Tácito afirma que mesmo sob maus imperadores ainda era possível haver “grandes homens” (*uiros magnos*). Agrícola conseguia reunir a “obediência” (*obsequium*) e a “modéstia” (*modestia*) sem lhe faltar o “vigor” (*uigor*) e a diligência (*industria*). Logo, o Agrícola taciteano não desafia diretamente o imperador, ao contrário de outros homens que desejam o louvor “abrupto” (*abrupta*), mas que não servem à república, pois acabam com uma “morte ambiciosa” (*morte ambitiosa*).

Desse modo, Tácito narra o passado, mas dialogava diretamente com a política romana. Imperadores – no caso, Trajano, – deveriam buscar o equilíbrio ao lidarem com os senadores, caso não quisessem ser retratados posteriormente como tiranos. *A Vida de Agrícola* vem a público justamente no início do principado de Trajano. Por meio de uma obra biográfica, Tácito, ao mesmo tempo, elogiava Agrícola, vituperava Domiciano e, de

modo indireto, advertia o novo imperador sobre como ele deveria se comportar diante dos senadores.

Essa perspectiva também pode ser observada em *Anais* (Tac., *Ann.*, IV, 35, 3), pois, ao relatar o julgamento e a condenação do historiador Cremúcio Cordo, que foi acusado sob o principado de Tibério por elogiar Bruto e Cássio, Tácito dá voz ao historiador que diz em meio ao Senado: "A posteridade paga a cada um a glória devida; não faltarão aqueles que, de Cássio e Bruto, mas também de mim, se lembrarão se eu for condenado" (*suum cuique decus posteritas repondit; nec deerunt, si damnatio ingruit, qui non modo Cassii et Bruti set etiam mei meminerint*). Sob tal perspectiva, a literatura se tornava uma arma política capaz de condenar ou de enaltecer a memória dos homens públicos. Logo, essa arma literária se tornava mais uma ferramenta na dinâmica da vida sociopolítica da aristocracia romana.

Por final, analisamos o exemplum de Marco Lépidio, narrado cerca de 20 anos depois da *Vida de Agrícola* na obra dos *Anais*, talvez no final do principado de Trajano (98-117) ou no início do principado de Adriano (117-138). *Marcus Aemilius Lepidus* possui, ao todo, onze aparições nos *Anais*, todas em meio aos livros tiberianos. Devido ao *praenomen Marcus* ser abreviado por M., discute-se muito se, em alguns casos, não pudesse ser seu parente contemporâneo *Manius Aemilius Lepidus* aquele que é mencionado. Ambos foram descendentes de *M. Aemilius Lepidus*, cônsul em 78 a.C. Seguimos as proposições de Syme (1955) para as aparições de Marco Lépidio nos livros tiberianos.²⁴

A família Emília tinha muita notoriedade em Roma. Seu avô, Paulo Emílio Lépidio, foi irmão mais novo do famoso triúmviro Lépidio. Proscrito pelo próprio irmão, escapou da condenação indo morar na cidade de Mileto, na Ásia Menor. Paulo Lépidio se casou com Cornélia, pertencente à antiga família dos Cipiões. Cornélia era filha de Escribônia, e assim também irmã por parte de mãe de Júlia, filha de Augusto. Paulo se tornou censor em 22. Dois filhos foram gerados no casamento entre Paulo Lépidio e Cornélia: o mais velho, Lúcio Emílio Paulo, que se casou com a neta de Augusto, Júlia; e o mais novo, o nosso senador Marco Emílio Lépidio, que se tornou cônsul no ano 6. Segundo Tácito (*Ann.*, I, 13, 2), o imperador Augusto teria afirmado que "de Marco Lépidio diria que era capaz, mas retraído" (*M'. Lepidum dixerat capacem sed aspernantem*).

Para eleições do proconsulado da África, Tácito (*Ann.*, III, 35) narra que Tibério havia indicado os nomes de Marco Lépidio e Júnio Bleso. Na ocasião, sabendo que Bleso era tio

²⁴ Como *Marcus* e *Manius* possuem a mesma abreviatura, Syme (1955) argumenta que Justo Lípsio, um dos principais editores dos *Anais*, inseriu *Manius* onde deveria apenas existir *M.* Segundo Syme, *Manius* e *Marcus* possuíam personalidades distintas, facilitando a separação das personagens. Sobre Marco Lépidio, ver também Catalina Balmaceda (2011-2012).

de Sejano, influente chefe da guarda pretoriana, Lépido se recusou a competir, "apontando as suas enfermidades, os poucos anos de seus filhos, e a idade de uma filha que já estava em tempo de casar" (*cum ualetudinem corporis, aetatem liberum, nubilem filiam obtenderet*). Com o caminho livre, Bleso teria respondido "com aparência de relutância, mas não com a mesma assertividade, e foi convencido sem dificuldade pela unanimidade de aduladores" (*specie recusantis sed neque eadem adseueratione et consensu adulantium adiutus est*).

Ainda no terceiro livro dos *Anais*, capítulo 49, Lépido aparece em meio a um tribunal forense. No ano 21, o cavaleiro Clutório Prisco foi acusado de ler sua obra poética em meio a mulheres distintas. Ouvidos as testemunhas do caso, deram-se mais créditos aos acusadores, fazendo com que o cônsul Hatério Agripa determinasse a pena de morte a Prisco. Nesse momento (Tac., *Ann.*, III, 50), Lépido intercede por uma pena mais leve, argumentando que era preciso separar os "dizeres" (*dicta*) dos "crimes" (*maleficia*), pois os senadores deveriam se preocupar com uma condenação justa, sem que fossem acusados de extrema piedade (*clementia*) ou extremo rigor (*seueritas*). Assim, a vida de Prisco deveria ser preservada, pois sua vida não traria risco para a república e sua morte produziria um *exemplum*. Apenas Rubélio Plauto seguiu a proposição de Lépido, os demais votaram com o cônsul Agripa. Prisco foi condenado e morto. Em seguida, Tácito (*Ann.*, III, 50, 1) apresenta o comentário de Tibério sobre o ocorrido, com "suas ambiguidades de costume, repreendendo o Senado por isso" (*solitis sibi ambagibus apud senatum incusauit*), dizendo para que no futuro houvesse menos precipitação nas "penas dos discursos" (*uerborum poenas*), e elogiando Lépido.

Note-se que a moderação de Lépido é construída juntamente com o desequilíbrio dos demais senadores, que buscam adular os correligionários de Tibério, e a dissimulação do próprio imperador, que apenas aparenta ser equilibrado. No quarto livro dos *Anais*, capítulos 34 e 35, Tácito narrou uma posição que tornava manifesta a desfaçatez do imperador. Se quatro anos antes ele elogiara a postura de Lépido no caso de Prisco, agora o historiador Cremúcio Cordo foi condenado à morte por elogiar Cássio e Bruto. Tibério estava presente na sessão do julgamento, porém nada falou. Lépido ainda aparece na narrativa taciteana nos julgamentos do casal Caio Sílio e Sósia Gala (Tac., *Ann.*, IV, 18-19). Antes de ser condenado, prevendo a resolução, Sílio retirou a própria vida. A Gala seria imputada a pena do desterro juntamente com a desapropriação dos bens. Nesse ponto (Tac., *Ann.*, IV, 20, 1), Lépido interveio novamente em favor do cumprimento da lei, que dizia para se dar a quarta parte aos acusadores e o restante aos filhos. No fechamento do capítulo, Tácito faz uma síntese sobre a sua avaliação de Marco Lépido:

Sobre Lépido, tenho notícia de que foi um homem circunspecto e sábio naqueles tempos: muita coisa corrigiu das exageradas adulações dos outros, e entretanto pôde manter sua autoridade e crédito perante Tibério. Isso me leva a pôr em dúvida se a benevolência dos príncipes para com outros é determinada, como tudo mais pelo destino ou acaso do nascimento, ou se depende de nós mesmos, estando a nosso alcance achar entre a teimosia abrupta e a obediência disforme um caminho isento de ambições e de perigos (Tac., Ann., IV, 20, 2-3).

Para Tácito, Lépido é o senador que consegue, da mesma forma que Agrícola, ser o *exemplum* de virtude em meio ao governo de um mau *princeps* repleto de aduladores pouco interessados na república. A fórmula da moderação taciteana reaparece. Lépido alcança o equilíbrio entre a "teimosia abrupta" (*contumacia abrupta*), típica dos mártires, e a "obediência disforme" (*obsequium deforme*), típica dos aduladores, já que toma um caminho sem "ambições" (*ambitiones*) e "perigos" (*pericula*). Por sua vez, Agrícola era moderado (Tac., Agr., 42, 2-3) porque não "provocava a fama e o destino, nem por "insistência" (*contumacia*) e nem por "presunção de liberdade" (*iactatione libertatis*". Isso era prova de que poderia existir "mesmo sob maus príncipes, grandes homens, e que a obediência (*obsequium*) e a modéstia (*modestia*), estando presentes o vigor (*uigor*) e a diligência (*industria*), alcançam tal louvor".

A mobilização de determinados conceitos por Tácito, como *contumacia*, *obsequium*, *modestia*, *industria* e *libertas* deve ser analisada nos seus respectivos contextos, em determinadas situações éticas temporalmente localizadas. Tais palavras não possuem valores intrinsecamente positivos ou negativos, mas estão associadas a determinados comportamentos, que, por sua vez, inseriam-se em contextos negativos de Domiciano e Tibério – o passado recente das estruturas temporais taciteanas. Por exemplo, a *libertas* pode ser boa ou ruim. Se praticada de forma desmedida, por *contumacia*, poderia gerar uma *mors ambitiosa*, nada proveitosa aos assuntos públicos; por outro lado, se exercitada com *obsequium* e *modestia*, poderia trazer mais resultados práticos para a república mesmo sob maus imperadores.

Considerações finais

Tácito escreveu e falou para uma parcela muito limitada da população da *Urbs*. Sua carreira pública de sucesso lhe proporcionou a *auctoritas* necessária para narrar sobre a matéria política, religiosa e militar, típicas da História e da Biografia. Como membro da elite imperial, sua narrativa fornecia não só as ações de indivíduos situados em contextos cotidianos muito bem conhecidos pela sua audiência, mas também o escrutínio do próprio autor sobre os contextos específicos, colocando-se como um intérprete desses

exempla. Todos os senadores já teriam vivenciado, não raras vezes, o encontro com o imperador, seja na Cúria ou na *domus Caesaris*. Tácito argumentou que esse encontro, em um passado recente, de Augusto a Domiciano, foi por muitas vezes repleto de tensão e dissimulação. No entanto, a lógica comunicativa do Principado romano, que sobrepuja temporalidades republicanas e imperiais, não permitia, sem riscos, que críticas fossem elaboradas diretamente aos senadores e aos imperadores, seja por meio da performance pública ou da obra literária. Muitos foram os casos de indivíduos que padeceram porque fizeram elogios públicos e/ou literários a pessoas que não agradavam ao imperador e seus aliados.

No início de 98, quando o imperador Trajano assumiu a posição de Nerva, a publicação da *Vida de Agrícola* não apenas disponibilizava um *exemplum* de um bom senador e general, cuja *moderatio* e *prudentia* eram as principais virtudes, mas também o *exemplum* de um imperador cruel e arrogante, que acabou sendo assassinado e teve sua memória vituperada. Tácito diz que Nerva, em dois anos, reuniu *libertas* e *Principatus*, e Trajano aumentou a *felicitas temporum*. Todavia, Trajano nada havia feito até o momento. Logo, os elogios taciteanos ao novo imperador disponibilizavam, no sistema comunicacional romano, uma expectativa projetada não só para Trajano, mas para o conjunto da aristocracia. Trajano deveria reconhecer os homens valorosos, que produziram feitos memoráveis em sua época, e evitar os adutores, que gerariam engano no presente e vitupério no futuro. Assim, a obra sugere como Trajano deveria se portar, sobretudo na sua relação com a aristocracia, e particularmente no seu papel de árbitro dos conflitos entre os aristocratas, capaz de gerar benefícios e punições. Talvez esta fosse uma pergunta implícita na *Vida de Agrícola*: como o *princeps* ideal deveria agir em meio a uma aristocracia repleta de pessoas viciosas? Já que a construção taciteana de Domiciano se estruturava pelo modo como o imperador tratou Agrícola e os demais senadores, não parece despropositado dizer que o autor, ao mesmo tempo que retratava dois *exempla*, oferecia com sua biografia um guia sobre como o imperador não deveria tratar os membros da elite.

Na sua última obra historiográfica, vinte anos depois da *Vida de Agrícola*, o *exemplum* de Marco Lépido segue os mesmos passos do general. Lépido foi um modelo a ser seguido, pois não se deixava afetar seja pela *contumacia abrupta*, seja pelo *obsequium deforme* em meio a um Senado repleto de adutores. Além disso, seu comportamento moderado rivalizava com a dissimulação de Tibério, que apenas aparentava seguir as leis e os costumes. Não sabemos ao certo se os *Anais* vêm a público no final do principado de Trajano ou no início do de Adriano. Fato é que os mesmos atributos comportamentais de Agrícola reaparecem em Lépido. Caso fosse sob o imperador Adriano, os bons e os maus

exempla funcionariam, do mesmo modo que a *Vida de Agrícola* para Trajano, como uma bússola de bons modos, alertando o imperador sobre o devido cuidado dispensado aos senadores e à arbitragem de seus conflitos.

Os *Anais* narram o final do principado de Augusto até a morte de Nero; as *Histórias* partem da morte de Nero até o final do governo de Domiciano. A *Vida de Agrícola* se encerra em 93, com a morte do general. Tácito nunca chegou a escrever sobre o próprio presente, ou por falta de tempo ou por perspicácia. Talvez não fosse possível escrever *sine ira et studio* sobre sua própria época e ainda continuar vivo. Sendo um *homo nouus* que adentrou a ordem senatorial em 77, sob Vespasiano, Tácito soube aproveitar muito bem os espaços disponíveis para ocupar os *honores* mais elevados da carreira senatorial. Após o assassinato de Domiciano, sua carreira pública não declinou. Conseguiu se manter influente sob os novos imperadores, e o fez marcando deliberadamente uma postura pública apologética a eles. Para isso, teve que mergulhar de vez na condenação da memória de Domiciano. Ao mesmo tempo que vituperava o imperador morto, em um passado recente, buscava estabelecer as fronteiras do decoro de seu presente, advertindo senadores e imperadores sobre as consequências de se rejeitar esses limites em direção à liberdade ou à servidão extremadas. De modo manifesto, as personagens exemplares taciteanas narram comportamentos virtuosos e viciosos de indivíduos importantes, mas, de modo velado, alerta os imperadores sobre como eles deveriam tratar os membros da ordem senatorial, pois, ao fim e ao cabo, "a posteridade paga cada um a glória devida" (*suum cuique decus posteritas rependit*) (Tac., Ann., 4, 35, 3).

Referências

Documentação textual

- ARISTÓTELES. *Retórica*. Tradução de Manuel Alexandre Junior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Biblioteca de Autores Clássicos, 2005.
- CÍCERO. Do orador. In: SCATOLIN, A. *A invenção do orador de Cícero: um estudo à luz de ad Familiares I, 9, 23*. 2009. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) – Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- OVID. *Tristia. Ex ponto*. Translated by Arthur L. Wheeler. Cambridge: Harvard University Press, 1942.
- PLINY. *Natural History: Books 3-7*. Translated by H. Rackham. Cambridge: Harvard University Press, 1942. v. II

- QUINTILIANO. *Instituição Oratória*. Tradução, apresentação e notas de Bruno F. Bassetto. Campinas: Editora da Unicamp, 2015. t. I.
- QUINTILIANO. *Instituição Oratória*. Tradução, apresentação e notas de Bruno F. Bassetto. Campinas: Editora da Unicamp, 2015. t. II.
- PLINIO, EL JOVEN. *Cartas*. Introducción, traducción y notas de Julián González Fernández. Madrid: Gredos, 2015.
- SUETONIUS. *Domitian*. Introduction, commentary and bibliography by Brian W. Jones. London: Bristol Classical Press, 1996.
- TÁCITO. *Obras Menores: Diálogo dos Oradores, Vida de Agrícola, A Germânia*. Tradução e nota prévia de Agostinho da Silva. Lisboa: Horizontes, 1974.
- TACITUS. *De Vita Agricolae*. Edited by R. M. Ogilvie and I. Richmond. Oxford: Oxford University Press, 1978.
- TACITUS. *Agricola. Germania. Dialogue on Oratory*. Translated by M. Hutton and W. Peterson. Cambridge: Harvard University Press, 1914.
- TACITUS. *Histories: Books 1-3*. Translated by Clifford H. Moore. Cambridge: Harvard University Press, 1925.
- TACITUS. *Histories: Books 4-5. Annals. Books 1-3*. Translated by Clifford H. Moore. Cambridge: Harvard University Press, 1931.
- TACITUS. *Annals: Books 4-6, 11-12*. Translated by John Jackson. Cambridge: Harvard University Press, 1937.
- ZOSIMUS. *New History*. Translated by R. T. Ridley. Canberra: Australian Association for Byzantine Studies, 1982.

Obras de Referência

- ILS* = H. Dessau, *Inscriptiones Latinae Selectae*, Berlin, 1892–1916.
- OGIS* = W. Dittenberger, *Orientalis Graeci inscriptiones selectae*. Leipzig, 1903-1905 (Hildesheim, 1986). 2 v.
- RIC II* = H. Mattingly; E. A. Sydenham, *The Roman Imperial Coinage*. London, 1926. v. II.

Obras de apoio

- AZEVEDO, S. F. L. *História, retórica e mulheres no Império Romano: um estudo sobre as personagens femininas e a construção da imagem de Nero na narrativa de Tácito*. Ouro Preto: Edufop, 2012.

- BALMACEDA, C. 'Virtus' romana bajo la dinastia JulioClaudia: la visión de Tácito em sus *Annales*. *Onomázein*, v. 24, p. 363-89, 2011-2012.
- BEWS, J. P. Language and style in Tacitus' 'Agricola'. *Greece & Rome*, v. 24, n. 2, p. 201-211, 1987.
- BIRLEY, A. R. The Agricola. In: WOODMAN, A. J. (ed.). *The Cambridge Companion to Tacitus*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009, p. 47-58.
- BIRLEY, A. R. The life and death of Cornelius Tacitus. *Historia*, v. 49, p. 230-247, 2000.
- DAITZ, S. G. Tacitus' technique of character portrayal. *The American Journal of Philology*, v. 81, n. 1, 1960, p. 30-52, 1960.
- DIAS, M. Q. *Entre senatores e principes: formas historiográficas e atuação política no Principado*. *Romanitas*, n. 7, p. 104-125, 2016.
- DIAS, M. Q. *Imperador ou tirano: comunicação e formas sociopolíticas sob(re) o Principado de Domiciano (81-96)*. 2019. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2019.
- DUNNING, S. C. B. *Roman Ludi Saeculares from the Republic to Empire*. 2016. Thesis (PhD in Philosophy) – Faculty of Arts and Science, University of Toronto, Toronto, 2016.
- FAVERSANI, F. Social boundaries and social-political categories in Early Imperial Roman History. *Romanitas*, n. 11, p. 154-167, 2018.
- FAVERSANI, F; JOLY, F. Alexandre em Quinto Cúrcio e o Principado romano: um estudo de *allelopoiesis*. *Phoênix*, v. 27, n. 2, p. 97-110, 2021.
- FREITAS, J. V. L. de. "És Tácito ou Plínio?" (Plin. Ep. 9.23.3.2): considerações acerca da aristocracia senatorial do período Nerva-Trajano. *Mare Nostrum*, v. 10, n. 1, p. 115-34, 2019.
- FREITAS, J. V. L. de. *O 'crimen maiestatis' e o Principado Romano (27A.C. – 68 D.C.): conflito, competição e representação*. 2021. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2021.
- HÖLKESKAMP, K-J. *Reconstructing the Roman Republic: an ancient political culture and modern research*. Princeton; Oxford: Princeton University Press, 2010.
- JOLY, F. *Tácito e a metáfora da escravidão: um estudo de cultura política romana*. São Paulo: Edusp, 2004.
- JOLY, F; FAVERSANI, F. Tácito, sua *Vida de Agrícola* e a competição aristocrática no Alto Império Romano. *Mnemosine*, v. 4, n. 1, p. 133-47, 2013.
- KOSELLECK, R. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. São Paulo: Contraponto, 2012.

- LANGLANDS, R. *Exemplarity ethics in ancient Rome*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.
- LIMA, D. C. de. Tácito e a *De Vita Agricola*: as virtudes de um general exemplar. *Revista do Seta*, v. 8, p. 385-401, 2018.
- LUHMANN, N. *Theory of society*. Stanford: Stanford University Press, 2012. v. 1.
- LUHMANN, N. *Theory of society*. Stanford: Stanford University Press, 2013. v. 2.
- MARINCOLA, J. *Authority and tradition in ancient historiography*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- MARTIN, R. H. *Tacitus*. Berkeley; Los Angeles: University of California Press, 1981.
- MARTINS, C. M. Exempla e memória: *a construção da memória sobre mulheres da dinastia Júlio-claudiana (31 AC – 68 DC)*. 2023. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2023.
- MORLEY, N. Population size and social structure. In: ERDKAMP, P. (ed.). *The Cambridge companion to ancient Rome*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013, p. 29-44.
- PRATA, P. *O caráter alusivo dos Tristes de Ovídio: uma leitura intertextual do livro I*. 2002. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.
- ROLLER, M. B. *Models from the past in Roman culture: a world of exempla*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.
- RUDICH, V. *Political dissidence under Nero: the price of dissimulation*. London: Routledge, 1993.
- RUFFING, K. *Principatus ac Libertas!?* Tacitus, the past and the Principate of Trajan. In: POULSEN, A. D; JÖNSSON, A. (ed.). *Usages of the past in Roman historiography*. Leiden; Boston: Brill, 2021, p. 69-88.
- SAILOR, D. *Writing and empire in Tacitus*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- SCHMAL, S. *Tacitus*. Hildesheim: Georg Olms Verlag, 2016.
- STROBEL, K. *Kaiser Traian: Eine Epoche der Weltgeschichte*. Regensburg: Friedrich Pustet, 2010.
- STRUNK, T. E. *History after liberty: Tacitus on tyrants, sycophants, and republicans*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2017.
- SYME, R. Marcus Lepidus, 'capax imperii'. *Journal of Roman Studies*, p. 22-33, 1955.
- SYME, R. *Tacitus*. Oxford: Oxford University Press, 1958. 2 v.
- TALBERT, R. J. A. *The senate of imperial Rome*. Princeton: Princeton University Press, 1984.

- WHITTON, C. Biography and praise in Trajanic Rome: Tacitus' *Agricola* and Pliny's *Panegyricus*. In: TEMMERMAN, K. (ed.) *The Oxford handbook of ancient biography*. Oxford: Oxford University Press, 2020. p. 152-68.
- WIEDEMANN, T. Reflections of Roman political thought in Latin historical writing. In: ROWE, C. (ed.) *The Cambridge history of Greek and Roman political thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, p. 517-531.
- WINTERLING, A. "Staat", "Gesellschaft" und politische Integration in der römischen Kaiserzeit. *Klio*, 83, n. 1, p. 93-112, 2001.
- WINTERLING, A. *Politics and society in imperial Rome*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2009.
- WOODMAN, A. J. *Rhetoric in classical historiography*. London; New York: Routledge, 1988.